



Tatuagem: expressão corporal do homem e da cultura¹

Natasha SILVA²

Pedro CANDIDO³

*Taís MONTEIRO*⁴

Universidade Federal do Ceará, CE

RESUMO

A mobilidade gradual cada vez mais desenvolve transformação a todos os aspectos da nossa vida, inclusive o nosso corpo. Este paper trata a categoria do corpo tatuado na sociedade contemporânea, como o corpo em cada Sociedade tem um papel distinto, realçando que o culto ao corpo está profundamente ligado ao desejo de modificá-lo. Observa que a modificação corporal é parte complementar do processo de mudanças que as chamadas novas tecnologias promovem na sociedade e nos sujeitos. O corpo é linguagem, é demonstração da individualidade e do pertencimento social; é, pois, linguagem da vida e do homem.

PALAVRAS-CHAVE: tatuagem; corpo; cultura.

INTRODUÇÃO

Cultura é uma apreensão moderna que vivenciamos no nosso tempo contemporâneo. É uma inquietação em apreender as muitas reviravoltas de costumes que dirigiram aos sujeitos às suas relações atuais e suas expectativas posteriores. No decorrer do tempo nos deparamos com registros das mudanças por que passam as culturas ou movimentadas por suas forças internas, por exemplo, abolição da escravidão no Brasil, ou em resultado desses acionadores e agitações, no geral, os dois motivos estão interligados. Ao adentrarmos sobre o conceito de cultura temos que ter em ideia que a humanidade em toda a sua prosperidade e sincretismos de formas vivas. São diversos aspectos que permeiam as realidades dos grupos humanos e as qualidades que os conectam e individualizam.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Mossoró - RN – 12 a 14/06/2013

² Acadêmica do 5º semestre e do Curso de Letras Português – Literatura da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: ndenatasha@gmail.com

³ Acadêmico do 7º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: phc.publicidade@gmail.com

⁴ Acadêmica do 3º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: tais.monteiroo@gmail.com



No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de uma forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2006, pg.47)

Vários autores explanam que comportamentos naturalizados se encontram baseados em fundamentos culturais, mais do que no campo do biológico e que as distinções fincadas de uma sociedade para outra na forma de usar o corpo robustecem seu fundamento cultural. A comunicação se inicia e é finalizada com o corpo, ele é o primeiro meio que permite o embate das consciências em torno de um objeto em comum, ou seja, de propósito ou não; conscientemente ou não. E o corpo é, também, a base sobre o qual serão historiadas as experiências de cada indivíduo. Os trejeitos de andar, de apreciar uma gastronomia local ou não, de asseio, e, até mesmo, de dar à luz devem ser incluídas como parte de um *habitus* que, de natureza social, configura os múltiplos elementos da arte de utilizar o corpo.

O corpo, como afirma Lucia Santaella (2004), é território de dúvidas, desejos e temores. De um lado o material, o biológico; do outro o simbólico, o subjetivo, a ideia. O corpo é o que se enxerga primeiro, a materialização de si e do outro. À partir de Descartes, o estudo sobre o corpo e sobre sua relação com o mundo ficou preso à ideia de superioridade do sujeito (interior pensante, sensível, universal, socialmente construído) em relação ao corpo em si. Estudiosos da época afirmavam que sem o sujeito não sobraria nada. O corpo funcionava apenas como suporte e foi durante muito tempo, renegado ao esquecimento. Somente, de acordo com Santaella (2004, p.16), com os estudos dos “mestres da suspeita” (Marx, Freud, Nietzsche e Heidegger) o corpo passou a ser interrogado. Não apenas o sujeito, como afirmava o Cartesianismo, mas como também o corpo era algo construído social e culturalmente. Ele passou a ser problematizado, interrogado. O corpo seria um produto histórico e cultural. Não apenas a sua ideia se reinventa, mas como também a sua própria estrutura.

Tanto quanto o sujeito, o organismo não é absolutamente constante. Ele tampouco é estabilizado em si mesmo, nem fixo no lugar. Tanto quanto o sujeito, ele não passa de uma variável em modificação contínua e aberta. Longe de ser universal, está mais perto



de ser uma multiplicidade virtual a ser observada sob vários ângulos
(...) (SANTAELLA, 2004, p. 24)

A contemporaneidade e a manipulação do corpo.

Um dos excessivos temas debatidos do século XXI é a influência das tecnologias sobre o corpo do ser humano. Notamos por toda parte a reprodução dos discursos e as técnicas para a libertação do corpo de remotas conexões religiosa, filosófica, geográfica, temporais, morais, pedagógicos entre outros.

Quando a circulação cada vez mais livre e frequente de pessoas, capitais e mensagens nos relacionam cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional. O objeto de estudo não deve ser então, apenas a diferença, mas, também a hibridização. (CANCLINI, 2008, pg.166)

Nas últimas décadas, por intercessão do projeto genoma, o teste experimental científico, é conduzir o corpo de cada pessoa livre do patrimônio cultural e genético. Manifestou-se de forma imprescindível suprimir todo e qualquer desagrado físico e mental, revogar com uma legítima ou estabelecida imperfeição, ajustar cada detalhe, arquitetar a forma apreciada como mais apropriada, precaver uma embrionária probabilidade de doença, modificar características que nos aborrecem, conservar a potência da juventude, expor o aspecto mais saudável, celebrar a beleza apoderada com o auxílio dos progressos tecnológicos e científicos: regimes, terapias, cosméticos, cirurgias, uso de próteses, novos medicamentos, manipulação genética. Bombardeados de tantas soluções para a remodelagem só é feio, fora de forma, flácido, enrugado e envelhecido quem quer ser. A exaltação ao corpo apoderou-se com viés de estilo de vida, mas de uma vida tecnocientífica. O juramento encantador de um resultado adicional de saúde, juventude e beleza invadiu um espaço incomum nos meio científicos e artísticos, na mídia, em todas as camadas do nosso dia a dia.

Esse corpo incompleto, visto como um objeto sempre com lacunas disponível para reformas deve viabilizar os seus níveis de desempenho e padrões de competência. Para subjugar os perigos crescentes de tornar-se arcaico, ultrapassado ou impróprio, o



corpo deve ser trabalhado de forma continua sendo potenciado para seguir o avanço das máquinas, consentir as novas exigências de prazer e liberdade próprios do nosso tempo.

Cinelândia, Capricho, Querida, estão entre as publicações onde os conselhos de beleza são recomendados por estas mulheres-mitos. Mulheres belas aconselhando outras mulheres, de modo informal e extremamente didático, quase sussurrando como é bom, fácil e importante se fazer bela, dia após dia (...) Mulheres sempre jovens afirmando com uma ênfase antes nunca vista, que não vale à pena sofrer por falta de beleza. Ao lado desta nova tendência, as regras de beleza prescritas pelos médicos e moralistas das décadas anteriores se tornam insuficientes, austeras e ultrapassadas. Desde então os produtos de beleza – agora raramente chamados de remédios – adquirem um poder antes pouco reconhecido. Segundo a publicidade, eles podem influenciar diretamente o psiquismo de cada mulher, tornando-a não somente mais bela como também mais feliz e satisfeita com ela mesma. (SANT’ANNA, 1995, pg. 128)

Na presença do assédio de imagens pela mídia sobre as incontáveis probabilidades de identidades, sobre os recentes consecutivos e a diluição do indivíduo nas sociedades ocidentais contemporâneas, vem como extraordinário fazer algo inabalável, determinado sobre o próprio corpo em transformação. O corpo desempenha a função de um outdoor das preferências pessoais, um mostruário das particularidades do ser. A língua do corpo, que é avigorada por textos da cultura (vestuário, adornos, tatuagens) significa pertence a algum segmento, mas provoca também a demonstração característica das relações de poder que incidem pelos signos da identificação e do estranhamento.

Para a juventude que habita grandes cidades, a “digestão” cultural permite se valer da imagem do seu corpo como interesse de agregação de valores, símbolos midiáticos e expressão de subjetividade a partir de sua preferência por produtos simbólicos difundidos pela mídia da comunicação de massa e tatuados na pele. Seus corpos não ambicionam a relação de contraste digital, mas são corpos que deixam traduzir em suas superfícies as causas culturais tanto quanto suas escolhas estéticas. Manifestam como num painel, as suas opções daquilo que faz as vivências de cada sujeito.



Canclini(2005) aborda o desafio de repensar a identidade nos tempos atuais, como são produzidas as relações de ruptura, hibridização entre os sistemas locais, tradicionais e ultramodernos. A identidade, para o autor, é uma construção narrativa.

Para necessário, pois, precisar nossa afirmação inicial: a identidade é construção, mas o relato artístico, folclórico e comunicacional que a constitui se realiza e se transforma em relação a condições sócio-históricas não redutíveis à encenação. A identidade é teatro e é política, é representação e ação. (CANCLINI, 2005, p. 175 e 176)

Escritas do corpo: tatuagem como construção cultural

Pierrat e Guillon (2000) ligam a tatuagem a uma marca de identidade cultural, pois é possível encontrá-las em diversas culturas portando significações diversas, como nobreza, conquistas de guerra, chegada à idade adulta, condição de escravo e, também, como uso religioso ou cerimonial, proteção ou marca de mudança de importância no clã.

Através de um apanhado histórico é possível afirmar que a modificação corporal faz parte da cultura de diversos ambientes desde o surgimento do fator humano. A marca corporal serve tanto para enobrecimento como para degradação do corpo. A tatuagem é, logo, uma retomada do que é seu.

Aqueles que tentaram situar as origens dessas práticas souberam ordená-las nas diferentes culturas, mas não conseguiram responder a essa indagação. É o caso do livro de Pierrat e Guillon (2000). Nele, os autores percorrem os traços da prática da tatuagem desde a pré-história a nossos dias, sugerindo seu surgimento ligado a outras formas de expressão artística, como desenho e pintura em objetos. Ou seja, que a produção artística dos objetos no mundo surge correlativa do homem situar-se como um desses objetos.(COSTA, 2003, p.12)

Toda e qualquer modificação corporal, segundo Costa (2003), é uma maneira de identificar-se, de provocar a sensação de pertence e não sentir-se vulnerável com a nudez. A significação da modificação corporal como anseio de retomada do corpo para si causa desconforto na sociedade ocidental após a representação de repúdio ao corpo pontuado, principalmente, pela igreja católica na Idade Média. Em 787, o papa Adriano I proíbe o ato de tatuar, sob a alegação de ser ato demoníaco.



Modificações corporais provocadas pelo próprio ser passaram a ser tratadas no Cristianismo como expressão de afronte a Deus, tornou-se associativo ao herege, o repudiado, a prostituta, o leproso, o perdido. Essa associação dá-se ao imaginário da época e à tentativa de fazer o corpo puro, como a 'imagem e semelhança de Deus'.

Há uma reorientação da modificação corporal, antes aceita e praticada largamente, por uma troca de sacralizar o corpo como sagrado e intocável. A modificação corporal passou a fazer parte do estigma de baixo calão. No olhar ocidental, segundo Costa (2003), a mutilação e ornamentação são ligadas ao marginal, resignificação que passa a perpetuar durante séculos. A inversão de significação dá-se ao valor de identidade readquirido à tatuagem na pós-modernidade.

A tatuagem encontra desenvolvimento semelhante e seu uso também é bastante antigo. Ela foi incorporada à cultura ocidental por um uso marginal. (...) Tem-se de acrescentar que a tatuagem traz um acento maior de marca - traço - diferencial, mais do que ornamental. (...). Tatuagem não é somente pintar-se, é também escarificar: furar a derme introduzindo pigmentos, compondo uma marca definitiva. Essa marca tem uma dupla função: tanto coletivizar como de singularizar. (COSTA, 2003, P.17).

A tatuagem agrega a função de pertencimento. Na era da reprodutibilidade e da identidade líquida, de Bauman (2005), a tatuagem permite um encontro com as escolhas subjetivas e a escolha de uma identidade própria. Identidade entendida na perspectiva de Hall (2000), na qual o processo de identificação está pulverizado e multifacetado com a transiterioidade de pertencer a uma sociedade em constante mutação.

Esta perda de um “sentido de si” é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos constitui uma “crise de identidade”. (HALL. 2006. p. 9)

O corpo é uma construção simbólica e cultural. Segundo Santaella (2004), o corpo trabalha em níveis emotivos, perceptíveis e móveis, e através dele, compreendemos o nosso ser no mundo. No segundo sentido do corpo, para Ihde (2002), entendemos nosso corpo como instrumento social e cultural, com o qual experimentamos situações e valores e o construímos a partir da cultura a qual estamos integrados.



Desculpem os tatuados, mas beleza é fundamental.

Um ponto bastante importante no tocante à tatuagem são as questões ligadas à beleza, principalmente aquela ligada ao corpo. Em muitas culturas, possuir tatuagens significa não apenas uma forma de se posicionar socialmente dentro de uma comunidade, mas também como ornamento, como forma de tornar-se mais bonito. Essa dubiedade em relação ao valor estético da tatuagem está relacionada à também dúbia noção de beleza e perfeição ligada ao corpo. O próprio conceito de beleza é relativo. “Dizer que uma coisa não é bela é um juízo; a coisa não é bela em si, mas no juízo que a define como tal”.(ARGAN, 1992, p17).

O conceito de belo ou normal relacionado ao corpo irá variar muito ao longo da história das sociedades, como esclarece Alain Corbin (2005). Desde a Antiguidade até os tempos atuais os corpos se modificaram, bem como os ideais de beleza e perfeição. Durante, principalmente, a Idade Média, a beleza estava ligada à noção de pureza divina e ao abandono total ao corpo, tido apenas como morada do espírito.

Aprovado por Deus, que criou o ser humano à sua imagem, o corpo, receptáculo da alma, também é um templo apto a receber o corpo de Cristo no Sacramento da Eucaristia: isso explica a frequência do termo “tabernáculo” para designá-lo. Os ritos do Batismo, da Confirmação e, ainda mais, da Unção dos Enfermos manifestam essa sacralidade do corpo humano, prometido, também ele, à ressurreição. Mas uma vez reduzido ao status de cadáver, ele logo passa a ser matéria desprezível (CORBIN, 2005, p 59).

Essa relação dúbia entre corpo e beleza, entre tatuagem e beleza é causada, em grande parte, pelas diferentes visões sobre o corpo que as diferentes sociedades possuem. O corpo, sendo algo construído culturalmente, bem como a noção de beleza ligada ao mesmo, seria uma tarefa difícil encontrar um consenso em relação a isso. Enquanto o nazismo marcava seus prisioneiros com uma tatuagem formada por números, muitos jovens da sociedade atual marcam a pele afim de sentirem-se livres. Liberdade em relação à sociedade, às normas, à família.



Costa (2003) pontua que quando se fala no Brasil, 'eu me tatuei', apesar de haver uma entrega do ato para outra pessoa, o tatuador, marcá-lo, a tatuagem é um ato pessoal e único, no qual há um encontro do ser.

É a passagem de uma indeterminação a uma posição de enunciação singular. A indeterminação entre em causa na ausência na qual o sujeito está em posição de entre ao outro; fazendo seu corpo veículo dessa entrega. Isso que é indeterminado aparece na maneira como se costuma enunciar o ato de tatuar. (COSTA, 2003, p.19).

A tatuagem agrega valor comunicativo e de criação de identidade. Ao qual a figura de um totem, objeto que é cultuado como sagrado e o qual provêm um significado de pertencimento, a tatuagem se dissemina como pertencer e de retomada de poder sob o próprio corpo.

Pela função de erotização, ela dá corpo a algo inapreensível, como pode ser o traço primeiro que funda a desnaturação do sujeito, conferindo, ao mesmo tempo erotismo a seu funcionamento corporal. Assim, a tatuagem pode colocar em cena - ser um representante daquilo que tem valor totêmico. (COSTA, 2003, p.19)

Nas sociedades totêmicas, a utilização de marcas corporais no intuito de representar e reproduzir a natureza levava os homens a se modificarem com o escopo de fazer-se mais próximo do sagrado. Já com o monoteísmo, a modificação corporal tornou sinônimo de profano. A resignificação da modificação corporal se deu no contemporâneo como uma tentativa de identificação com o seu próprio corpo, a retomada do poder simbólico sob o mesmo.

Durante muito tempo, dentro da sociedade Ocidental, a tatuagem foi tida como marcador de uma parcela excluída da comunidade. Tatuar-se significava pôr-se à margem da sociedade, no lugar dos monstros que eram expostos nos circos de aberrações. Tais monstros eram postos em um lugar afastado dos olhos da sociedade dita “normal”. Esse conceito de anormal estará bastante presente na pesquisa. Pretende observar o que se entende por normal e a maneira como tal conceito é construído dentro da sociedade Ocidental. Para compreender esse monstro é necessário levar em consideração os padrões corporais de uma época, os arquétipos existentes e as representações desses corpos na arte, por exemplo. Canguilhem (2002) nos diz:

[...] é normal, etimologicamente – já que norma significa esquadro – aquilo que não se inclina nem para a esquerda nem para a direita, portanto o que se conserva num justo meio-termo; daí derivam dois sentidos: é normal aquilo que é como deve ser; e é normal, no sentido mais usual da palavra, o que se encontra na maior parte dos casos de uma espécie determinada ou o que constitui a média ou o módulo de uma característica mensurável. (...) esse termo é equívoco, designando ao mesmo tempo um fato e “um valor atribuído a esse fato por aquele que fala, em virtude de um julgamento de apreciação que ele adota”. (CANGUILHEM, 2002, p. 95, *apud* HOMA, 2012, p. 2).

Citando Foucault (2001), filósofo que estudou profundamente as condições de anormalidade e os monstros na nossa sociedade, nos traz à luz das coisas inteligíveis um pouco da desconstrução desse monstro de que se fala. Esse ser que carrega em si o que há de mais tortuoso em relação à natureza das coisas tidas como normais:

Segundo Foucault o ‘monstro humano’ é aquele que constitui ‘(...) em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza’. O monstro humano combina o impossível com o proibido e, durante boa parte do medievo, serve como o grande modelo de todas as pequenas discrepâncias. Mesmo sendo o princípio de inteligibilidade de todas as formas da anomalia, o monstro é, em si, ininteligível ou dotado de uma inteligibilidade tautológica. Neste contexto, o anormal é, no fundo, um monstro cotidiano, um monstro banalizado (FOUCAULT, 2001, p.71, *apud* ALMEIDA, 2006, p. 363)

A tatuagem esteve, no mundo ocidental, vinculada historicamente à marginalidade social, em prostitutas, marinheiros e mafiosos. A transformação do público que modifica o corpo através da tatuagem se dá a partir das décadas de 50 e 60 do século XX, quando ela passa a ser usada como emblema ideológico, como no movimento hippie e no *punk*.

A tatuagem passa a não ser atrelada à exclusão econômica, e têm sua ligação constituída com movimentos políticos, estéticos e éticos, em uma estética contrária às normas sociais tradicionais cristãs. Vincula-se, logo, a um estilo de vida relacionado ao desvio e a transgressão.

Considerações finais



Pensar a tatuagem contemporânea é pensá-la como um signo de referência ao que o homem está emaranhado e imerso em dimensões diversas. Os adornos corporais são, logo, uma extensão construída identitária e culturalmente.

Através dos sistemas simbólicos, a tatuagem é uma imersão na busca de uma identidade na sociedade pós-moderna. A declaração impressa no corpo, o primeiro e mais importante veículo de comunicação e expressão, é uma expressão distintiva de poder sobre o corpo e sobre a própria existência, sendo uma identificação e afirmação do controle da sua subjetividade.

A tatuagem, como um signo não descartável, é impresso na pele como retomada do corpo, após a separação ocidental de mente e corpo, alma e corpo, ser e corpo. Há o desejo, pelo uso da marca, de complementar e retomar o que pertence. A mudança não é superficial, ao juntar tecnologia e costumes milenares, a tatuagem traz sensibilidades novas e afirma a individualidade e a pertença do ser si mesmo.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo: As mutações do olhar: O século XX** sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jaques Courtine e Georges Vigarello. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do Corpo: Da Renascença às Luzes** sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jaques Courtine e Georges Vigarello. 4º ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra** sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jaques Courtine e Georges Vigarello. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

COSTA, Ana. **Tatuagem e Marcas Corporais: atualizações do sagrado**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A. 2000.



LEITAO, Débora Krischke. **Mudança de Significado da Tatuagem Contemporânea.** Caderno IHU de ideias: ano 2 - nº 16 – 2004

PAVAN, Maria Angela. SILVA, Josimey Costa da. **O corpo como um OUTDOOR: produtos da cultura de massas na pele.** 2004

PAVAN, Maria Angela. SILVA, Josimey Costa da. **Tatuagem: cultura de massas e afirmação subjetiva incorporadas.** 2004

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação: sintoma da cultura.** São Paulo: Paulus, 2004

SANT'ANA, Denize Bernuzzi de - **“Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil”** in: Políticas do Corpo, org. Denise Bernuzzi de Sant'Ana, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.